às crianças seu direito de viver a infância e se desenvolver as experiências no espaço de Educação Infantil, devem possibilitar o encontro pela criança de explicações sobre o que ocorre a sua volta e consigo mesma enquanto desenvolvem suas formas de agir, sentir e pensar.

A ludicidade é um dos instrumentos motivadores de mais eficácia do processo ensino-aprendizagem, uma vez que as dinâmicas lúdicas propiciam a espontaneidade, a desinibição, a liberdade, a integração, a coordenação, estimula a participação em grupo, favorece as relações interpessoais, auxiliando no desenvolvimento da comunicação verbal e não verbal, intensificando o resgate de valores competências e habilidades. Assim, brincar é meio de expressão, é forma de integrar-se ao ambiente que o cerca.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante séculos, a concepção que se tinha da criança, era de que seu aspecto físico frágil, e sua não comunicação verbal, lhe condicionavam a submissão das vontades e interesses de seus familiares responsáveis, já que a mesma era incapaz de se impor. Contudo com o passar das décadas, as instituições foram se aperfeiçoando até o aparecimento das creches e escolas de educação infantil, com propostas pedagógicas, com a capacidade de promover inúmeros benefícios no que se refere ao desenvolvimento das capacidades inerentes ao homem, atreladas a essa fase escolar.

Nessa fase escolar são utilizadas diferentes linguagens utilizadas pelos educadores e focando principalmente na ludicidade (objetivo desse artigo) indicam todas as capacidades que podem ser desenvolvidas nos alunos, que irão contribuir de forma significativa para seu pleno desenvolvimento.

Por meio das atividades lúdicas, além das questões cognitivas e sociais, são desenvolvidas potencialidades como esquema corporal, a estruturação espacial e temporal, a imagem corporal, funções estas que irão auxiliar as crianças na descoberta do seu eu e do mundo a sua volta.

Em parceria com a ludicidade, os professores da educação infantil fazem uso constante de inúmeros conteúdos, por meio de uma linguagem corporal, já que as crianças dessa faixa etária estão na chamada fase motora fundamental e ansiosas em descobrir o mundo que as cercam.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, N. P. Educação Lúdica: técnicas e jogos pedagógicos. São Paulo: Loyola, 2000.

BATISTA, M. V. C.; ZAMPARO, R. E. A magia do brincar na escola. Londrina: UNOPAR, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial curricular nacional para a educação infantil. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.

BRASIL, Secretaria de Educação Especial. Política Nacional de Educação Especial. Livro 1. Brasília: MEC/SEESP, 1994.

CARVALHO, A.M.C. et al. (Org.). Brincadeira e cultura: viajando pelo Brasil que brinca. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

FERREIRA, R. C. M. Os fazeres na educação infantil. São Paulo: Cortez, 2000.

OLIVEIRA, R. M. Z. A criança e seu desenvolvimento: perspectivas para se discutir a educação infantil. São Paulo: Cortez, 2012.

RAMOS, R. Desvendando a Ludicidade. Bloco 01. Tema 01. FTC/Ead. Faculdade de Tecnologia e Ciências. 6º período, 2008.

RODRIGUES, M. Manual Teórico e Prático da Educação Física Infantil. São Paulo: Icone, 2007.

VYGOTSKY, Lev. S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1999

DIDÁTICA DO ENSINO FUNDAMENTAL PARA O SUPERIOR: PRINCIPAIS DIFRERENÇAS

MARIA AMÉLIA PEREIRA DA SILVA

RESUMO

Esse presente artigo tem como objetivo pontuar algumas das práticas e desafios que os docentes utilizam para a didática no ensino superior e para a didática do ensino fundamental. Visto que a forma de ensinar está cada vez mais voltada para as necessidades e realidades vivenciadas pelos alunos, de acordo com sua comunidade e meio social. Sempre pensando que a nossa relação com a tecnologia nos dias de hoje é muito distante do que era a 30 anos atrás. Mas a ação do professor precisa estar embasada também em fins pedagógicos, pois trabalhar somente o meio social do aluno pode significar que a intenção da escola é aprisioná-lo numa realidade limitada, onde o mesmo não poderia ser nada além do que previsto por ela, e isso não é verdade.

PALAVRAS- CHAVE: didática; desafios; ensino; universitário; fundamental; professor.

INTRODUÇÃO

As práticas e desafios sobre a forma de ensinar estão cada vez mais voltados para as necessidades e realidades vivenciadas pelos alunos, de acordo com sua comunidade e meio social, por isso, não é apenas ensinar a matéria que está determinada e sim mostrar para o aluno que o mundo lá fora faz sentido dentro da escola e vice versa. Pensando assim a ação do professor precisa estar embasada também em fins pedagógicos de amplitude, onde o mesmo não poderia ser nada além do que previsto por ela, mas mostrar para esse aluno que a escola pode interagir diretamente com o ambiente social vivido por ele.

A história da didática surge das ações de Comênio (1592-1670), um filósofo tcheco que combateu o sistema medieval e defendeu o ensino de "tudo para todos". Inclusive ele foi o primeiro teórico a respeitar a inteligência e os sentimentos da criança como indivíduo pensante, que tinha como objetivo reformar a escola e o ensino em geral. Esse termo “didática” deriva do grego, cuja significação é “arte de ensinar”. O fundamento da didática magna de Comênio era ensinar tudo a todos, deixando a formação de um homem ideal em segundo plano.

Didática consiste na análise e desenvolvimento de técnicas e métodos que podem ser utilizados para ensinar determinado conteúdo para um indivíduo ou um grupo, a base da educação é a didática. Ela (a didática) faz parte da ciência pedagógica, sendo responsável por estudar os processos de aprendizagem e ensino. Os professores utilizam a didática como meio para aplicar modelos de abordagens que possibilitam o aprendizado dos seus alunos, sempre baseados em seus currículos. Em suma, a didática é o modo como o professor ensina determinado conteúdo para os discentes, garantindo, através de estratégias, a construção do conhecimento.

No entanto, a didática não deve ser interpretada como uma prática tecnicista, por mais que pareça. O objetivo desta é também desenvolver um pensamento crítico nos formadores, que devem analisar as técnicas e estratégias utilizadas de modo a reformula-las ou questiona-las, quando for o caso. Deste modo, pode-se afirmar que a didática é um estudo reflexivo que, a partir da capacidade crítica do profissional do ensino, deve auxiliar na transformação dos métodos didáticos de acordo com o ambiente ou tempo, por exemplo.

É fundamental que o professor saiba a importância trabalhar técnicas voltadas à realidade e meio social em que o aluno está inserido, engessando a sua aprendizagem de forma a torná-lo limitado em sua comunidade ou meio social, desse modo não podemos pensar na interação social como único fator de aprendizado. Diante desses quesitos, o fazer didático que deve ser aplicado é o que possibilitará a reflexão em relação a cada situação de aprendizagem (seja ela de matérias biologias ou exatas), partindo da realidade em que professor e aluno estão inseridos e expandindo essa aprendizagem para outras realidades e meios sociais, mostrando que aquela realidade está entrelaçada de alguma maneira com outra realidade, para que o discente detenha as variadas formas de vivência e habilidades.

O ensino-aprendizagem é um processo que sempre esteve presente, seja de forma direta ou indireta nos relacionamentos entre os humanos, pois o ser humano só se torna individuo quando há interação dele com o mundo e os símbolos que são atribuídos a sua realidade. Pensando nesse processo no ambiente universitário, o bom desenvolvimento desta relação dependerá de um bom conhecimento e uso de recursos didáticos por parte do educador, que não pode se apoiar apenas no conhecimento de vida e sim no conhecimento empírico.

Segundo Aurélio (1999), didática é arte de ensinar; o procedimento pelo qual o mundo da experiência e da cultura é transmitido pelo educador ao educando, nas escolas ou em obras especializadas. Conjunto de teorias e técnicas relativas à transmissão do conhecimento.

O termo didática deriva do grego didaktiké, que tem o significado de arte do ensinar. Seu uso difundiu-se com o aparecimento da obra de Jan Amos Comenius (l592 – l670), Didactica Agna, ou Tratado da arte universal de ensinar tudo a todos, publicada em l657. Nos dias atuais, deparamo-nos com muitas definições diferentes de didática, mas quase todas se apresentam como ciência, técnica ou arte de ensinar. (NOGUEIRA E OLIVEIRA, 2011, p.5).

Uma definição obtida em dicionário vê se como “parte da Pedagogia que trata dos preceitos científicos que orientam a atividade educativa de modo a torná-la mais eficiente” (HOUAISS, 2001. pg. 22).

DESENVOLVIMENTO

Saber lidar com alunos em sala de aula, manter a harmonia no ambiente, concentração nas disciplinas ministradas, promover a interação entre eles, mostrar que cada individuo pode contribuir para o todo e assimilação dos conteúdos é uma tarefa desafiadora para o professor, seja ele de ensino fundamental I e II quanto o universitário. Isso por que a globalização, acompanhada da tecnologia, traz um envolvimento de distração ao discente em relação às atividades em sala de aula. Mas como agir diante de tamanho desafio? Como aliar a tecnologia a

sua aula? Como manter os alunos entretidos na sua matéria sem que eles se dispensem com o celular? De acordo Içami Tiba (2006), a aula deve ser como uma boa refeição, capaz de despertar o paladar, tem de ser saborosa, ter um cheiro atraente, que mesmo sem estar com fome, irá fazer o aluno querer provar, transformando essa degustação em algo inesquecível e saboroso. Do contrário, uma refeição mal preparada e desagradável ao olhar, faz com que o indivíduo não sinta vontade de comer, mesmo que esteja com fome, pode até provar, mas logo deixará de lado por não ser agradável.

Temos outro exemplo de como a didática pode ser social e afetiva para trazer o aluno para dentro da escola, se chama transposição didática. O instrumento através do qual transforma-se o conhecimento científico em conhecimento escolar, para que possa ser ensinado pelos professores e aprendido pelos alunos. Segundo Maura Dallan, da Fundação Victor Civita, "significa analisar, selecionar e inter-relacionar o conhecimento científico, dando a ele uma relevância e um julgamento de valor, adequando-o às reais possibilidades cognitivas dos estudantes.".

O planejamento, a metodologia, o diálogo, são essenciais para o sucesso da aula. Outra forma de atrair o aluno a participar dessa dialética ensinoaprendizagem é envolvê-lo na aula, perguntando sobre assuntos anteriores, fatos ocorridos na aula passada, falas colocadas em ênfase e argumentos convincentes ou não, deixar o aluno participar efetivamente da aula faz com que ele se sinta parte daquilo e estimula neles o desejo de assistir as próximas aulas, já antecipando algo interessante e que é fundamental, pois serve como aperitivo, despertando nele a vontade de participar da próxima discussão. Quando o aluno se sente importante à aprendizagem é mais fácil.

Em se tratando da educação de nível superior, comparada com a educação de ensino fundamental, sempre se estimou que para ser considerado um bom docente universitário, bastaria ter um vasto conhecimento na área da disciplina lecionada e uma boa oratória; contudo é perceptível que a cada dia mais os estudantes do nível superior, chegam com suas personalidades formadas, uma bagagem de conhecimento muito grande, frutos de uma sociedade globalizada e informativa. Muitos desses alunos chegam à universidade com mais de 25 anos, e um adulto de 25 anos já possui uma bagagem formada, que pode ou não ser moldada pelo docente. Já no ensino fundamental a criança chega com poucas experiências, com uma personalidade ainda a ser formada e com um desejo muito grande de absorver cada minuto dessa vida acadêmica, seja ela pela educação ou pela interação com os colegas nas horas vagas.

Estar aberto a indagações, questionamentos, à curiosidade dos alunos, faz do professor um ser que ensina, respeita, e não um ser que só transfere conhecimento. Segundo Freire (2006), o educador já não é apenas o que educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Nesse sentido, podemos afirmar que a postura do professor na sala de aula deve ser democrática, independente de qual grau de escolarização estamos falando, de respeito mútuo e de flexibilidade em relação ao ponto de vista do aluno (considerando que no ensino superior ele pode ter até razão, se aquela for à realidade vivida por ele), sabendo associar sua mediação ao conhecimento dos discentes, ampliando esse conhecimento de forma a somar com o já adquirido pelo aluno no meio social em que vive.

É importante saber qual é a visão do aluno em relação a um determinado assunto, pois é dessa forma que o professor mediador constituirá um caminho para ampliar esse ponto de vista ou até mesmo reverter essa ideia que poderá ser equivocada. Vamos usar como exemplo um aluno que praticou esportes durante a adolescência toda e hoje padece de um problema crônico no joelho, se o professor não vivenciou esse tipo de atividade, ele pode pedir ajuda para esse aluno, visto que a realidade dele o permitiu ter essa dinâmica.

Impor-se na sala de aula, como se fosse o detentor do conhecimento e o "dono do saber ou da razão", não é o melhor caminho, muitos professores se dão mal nessa abordagem, visto que a educação bancária não é mais utilizada com tanta frequência. O professor que age de forma imperativa, sem diálogo, sem ouvir as justificativas dos discentes, está influenciando-o a perder o interesse pela a aula. Sabe-se que há professores de postura imperativa e grotesca, onde quer mostrar para o aluno que ele é quem manda na sala de aula, deixando o aluno privado de aprender sobre determinado assunto por conta de um ou dois minutos de atraso, na maioria das vezes ele nem começou a apresentar o conteúdo e nem fez a chamada, mas mesmo assim, não permite a entrada do aluno na sala, alegando que se o mesmo tivesse interesse, estaria ali presente desde o início. Esse tipo de atitude afasta o aluno da aula, muitas vezes até da instituição, e pensar que isso acontece apenas no ensino superior é um erro, afinal, a evasão escolar no ensino fundamental também é um grande problema na nossa educação.

Pensando em novas formas de abranger a didática no dia a dia, trago alguns questionamentos sobre uma sequência didática:

• Como definir o tema da sequência didática?

As sequências sempre são parte de um planejamento didático maior, em que você

coloca o que espera dos estudantes ao longo do ano. A escolha dos temas de cada proposta não pode ser aleatória. Se, por exemplo, seu objetivo for desenvolver bons leitores, precisa pensar qual desafio em relação à leitura quer apresentar à classe. Com base nele, procure os melhores gêneros textuais para trabalhar. É preciso organizar as ações de modo que exista uma continuidade de desafios e uma diversidade de atividades. Converse com o coordenador pedagógico e com os outros docentes, apresente suas ideias e ouça o que têm a dizer. Essa troca ajudará a preparar um planejamento eficiente.

• Como estabelecer conteúdos e objetivos?

Conteúdo é o que você vai ensinar e objetivo o que espera que as crianças aprendam. Se, por exemplo, sua proposta for trabalhar com a leitura de contos de aventura, precisa parar e pensar o que especificamente quer que a turma saiba após terminar a sequência. Pode ser comportamento leitor do gênero, característica da linguagem. De nada adianta definir um conteúdo e enxertar uma série de objetivos desconexos ou criar uma sequência com muitos conteúdos. Abranger uma ampla escala de conteúdos e crer que cada um deles gera aprendizagem significa partir da suposição de que é possível conseguir aprendizagem realizando atividades breves e esporádicas. Porém, isso está longe de ser assim.

• Qual a melhor forma de organizar a turma?

Cada uma funciona melhor para uma intenção específica. Você propõe uma atividade no coletivo quando quer estabelecer modelos de comportamentos e procedimentos. Ao participar de um grupo e trocar com os colegas, a criança tem aprendizados que são úteis quando ela for trabalhar sozinha. Já uma atividade em dupla é interessante quando quiser que o aluno tenha uma interação mais focada, apresentando suas hipóteses e confrontando-as com o outro. As propostas individuais, por sua vez, permitem à criança pôr em xeque os conhecimentos que construiu. Essas organizações são critérios didáticos que precisam ser pensados com base nos objetivos da cada etapa e nas características da classe.

• Como flexibilizar as atividades?

É bem provável que você tenha, na turma, crianças com necessidades educacionais especiais (NEE). E elas não podem ficar de fora do planejamento. Procure antecipar quais ajustes podem ser necessários para que elas participem das propostas. As adaptações não devem ser vistas como um plano paralelo, em que o aluno é segregado ou excluído. A lógica tem que ser o contrário: diferenciar os meios para igualar os direitos, principalmente o direito à participação e ao convívio.

Agora pensando na didática universitária, é de grande importância o desenvolvimento de habilidades acadêmicas suficientemente eficazes, buscando ter uma visão de mundo, ciência, ser humano e educação compatível com a realidade atual; ai estaria um perfil fundamental do papel do professor e sua mediação nos processos de elaboração do conhecimento, que passa pelo professor e chega no aluno de maneira que ele se aproprie desse conhecimento. O ensino tem, portanto, segundo Bulgraen, apud Libâneo (1994), como função principal garantir o processo de transmissão e assimilação dos conteúdos do saber escolar e através desse processo, o desenvolvimento de capacidades cognoscitivas dos alunos, de maneira que, o professor planeje, dirija e comande o processo de ensino, tendo em vista estimular e suscitar a atividade própria dos alunos para a aprendizagem.

O professor reflexivo vai além dos muros da escola, pesquisa, inova e transforma. Traz a realidade para dentro das quatro paredes. Aplica métodos inovadores na didática do ensino superior e da educação fundamental. Nas práticas universitárias temos ideias como: pesquisas voltadas para o meio social, partindo de sua realidade e abrangendo essas pesquisas para uma amplitude, desenvolverá no aluno uma capacidade crítica e reflexiva dos conteúdos assimilados. Já na educação fundamental, podemos nos apoiar em: brincadeiras regionais, conhecimentos de ideias diferentes, mostrando que o nosso país (ou até os países vizinhos) é de uma cultura muito abrangente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Visto tudo que apresentamos até aqui, vimos que o ensino fundamental e o ensino superior têm as suas características próprias e a sua didática, porém, a forma como o professor trata o aluno não muda muito. Diante disso, cabe ao professor buscar as ferramentas adequadas para atrair a atenção do aluno, despertando nele a vontade de aprender e continuar aprendendo. Dar aula não é apenas chegar à frente dos alunos e despejar conteúdo, está muito, além disso.

Os equipamentos audiovisuais auxiliam muito nesse caso, no entanto, não são suficientes. O planejamento, a metodologia, o diálogo, são essenciais para o sucesso da aula. Estar aberto a indagações, questionamentos, à curiosidade dos alunos, faz do professor um ser que ensina, respeita, e não um ser que só transfere conhecimento, que usa a sala de aula como palco de alta afirmação. A ação do professor precisa estar embasada também em fins pedagógicos de amplitude, pois trabalhar somente o meio social do aluno pode significar que a intenção da escola é aprisioná-lo numa realidade limitada, onde o mesmo não poderia ser nada além do que

previsto por ela. O conhecimento tem que ser aliado e não apenas um lado ou outro, a realidade de fora da escola e a realidade dentro, devem andar juntas, unidas.

A aula deve ser atraente, planejada, participativa e acolhedora, pois avaliar o aluno através de métodos tradicionais pode levá-lo ao fracasso, "medilo" por acúmulo de conteúdos supostamente armazenados não irá transformá-lo num ser crítico e reflexivo, mas transformá-lo em um ser mecanizado, robótico, onde o professor fala e o aluno na sua passividade acumula o que foi falado e armazena na mente para transmitir a outros da mesma maneira que foi transmitido a ele. Isso vale tanto para o ensino universitário quanto ao fundamental. Embora polêmico, não é difícil constatar que o ensino torna-se muito mais eficaz quando os alunos de fato participam. As aulas tornam-se muito mais vivas quando são participadas com perguntas feitas aos alunos, e pelos alunos. Elas conduzem a rumos diferentes, conforme as respostas dos alunos.

É importante que seja construída uma visão crítica sobre a metodologia no processo de ensino- aprendizagem, conduzindo a pensar na necessidade da capacidade do professor em refletir em favor de uma metodologia que seja atrativa e interessante. Dessa forma as atividades de ensino devem promover aprendizagens mais significativas e funcionais possíveis, que tenham sentido e desencadeiem uma atitude favorável para realizá-las, que permitam o maior número de relações entre os distintos conteúdos, que constituam estruturas de conhecimento, por um lado. Por outro lado, devem facilitar a compreensão de uma realidade que nunca se apresenta compartilhada.

Desta forma o Ensino Superior é desafiador, pois precisa ser inventado ou reinventado diariamente. Já o ensino fundamental, passa por vários processos para ser moldado e eficaz. A educação é considerar que o mundo social faz parte do cotidiano e, portanto, está presente na vida do acadêmico. Nenhum conteúdo é tão completo a ponto de ignorar as transformações que ocorrem diariamente na sociedade.

Portanto, a didática do ensino superior e fundamental traz práticas e desafios, onde se faz necessário o desenvolvimento de ambientes de ensino- aprendizagem com condições para o desenvolvimento da autonomia dos sujeitos, levando-os a aprender de forma crítica e reflexiva. É importante também que o professor assuma a função de criar situações para momentos de questionamentos, propiciando situações de desafios a serem vencidos pelos alunos, para que possam construir conhecimentos e aprender além do seu meio social, com amplitude de conhecimentos onde não se sintam engessados à realidade fora do seu cotidiano. Desse jeito podemos crer que a didática do ensino superior é tão importante e dinâmica quanto a do ensino fundamental.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRETO, Alcyrus Vieira Pinto; HONORATO, Cezar de Freitas. Manual de sobrevivência na selva acadêmica. Rio de Janeiro: Objeto Direto, 1998.

BARROWS, H. Problem-based learning (PBL). Disponível em: University PBL Web Site. . Acesso em: 27 abril de 2014.

BASTOS, A. B. B. A escuta psicanalítica e a educação. Revista Psicólogo inFormação, São Bernardo do Campo, ano 13, n. 13, p.91-98, jan./dez. 2009. BASTOS, A. B. B. A técnica de grupos-operativos à luz de Pichon-Rivière e Henri Wallon, Psicólogo informação, ano 14, n, 14 jan./dez. 2010

BASTOS, A. B. B. Interações e desenvolvimento no contexto social da creche à luz de Henri Wallon. 1995.Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1995.

BASTOS, C. C. Metodologias Ativas. 2006. Disponível em: http://educacaoemedicina.blogspot.com.br/2006/02/metodologias-ativas.html>, Acesso em: 11 de Dez. 2013.

BECKER, Fernando. Educação e construção do conhecimento. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001. BERBEL, N. A. N. As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes. Ciências Sociais e Humanas, Londrina, v. 32, n. 1, p. 25-40, jan./jun. 2011

BLEGER, J. Temas de psicologia: entrevista e grupos. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BULGRAEN, CRISTINA VANESSA; O papel do professor e sua mediação nos processos de elaboração do conhecimento, Revista Conteúdo, Capivari, v.I.

n.4.ago./dez 2010 – ISSN I807-9539. Disponível em: http://www.conteudo.org.br/index.php/conteudo/article/viewFile/46/39. Acesso em 03/02/2014.

CADAU, Vera Maria. Reinventar a escola. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000 a.

CANDAU, M. V. A didática em questão. 9ª edição. Petrópolis, Editora Vozes, 1991.

CASTANHO, M. E. L. M. A criatividade na sala de aula universitária. In: VEIGA, I. P. A. et. al.. Pedagogia universitária: a aula em foco. 2. ed. Campinas – SP: Papirus, 2000. p. 87.

DORIGON, Thaisa C.; ROMANOWSKI, Joana P. Revista Intersaberes, Curitiba, ano 3, n. 5, p. 8 - 22, jan/jul 2008 Disponível em:

http://www.grupouninter.com.br/intersaberes/index.php/revista/article/